

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

# da Lezíria a Montejunto

Ficha Técnica

**Da Lezíria a Montejunto**

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)  
Escola de Tecnologias e Arquitetura  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Mestrado Integrado em Arquitetura

**Editores**

Pedro Mendes, Sara Eloy

**Design Gráfico**

Diana Lopes  
Inês Sousa  
Rafael Martins

**ISBN** 978-989-781-082-4

**Nº de exemplares** 100

**Impressão ?**

**Depósito Legal ?**

2019

Os textos e imagens são da responsabilidade dos autores dos projetos.

## **Índice**

Da Lezíria a Montejunto .....	1
A arquitetura e os lugares.....	1
Descobrir a arquitetura da Lezíria a Montejunto .....	2
Projetos Seleccionados.....	4

## **Da Lezíria a Montejunto**

No âmbito da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa propusemos, no ano letivo de 2017/2018, novamente trabalhar com o território de Alenquer. Este ano, os projectos abarcaram ainda os concelhos próximos de Vila Franca de Xira e Azambuja.

Pretende-se que neste último ano do mestrado em arquitetura os estudantes estejam o mais próximo possível da realidade e assim o desafio foi trabalhar não só com um território concreto, mas também com as questões reais do território e com um hipotético cliente, a Câmara Municipal de Alenquer. Ao longo do ano as três turmas discutiram as questões territoriais, sociais, de mobilidade, ambientais e económicas que caracterizam a região. Cerca de 40 estudantes trabalharam numa área que vai desde a lezíria a sul de Alenquer até à Serra de Montejunto. As suas propostas baseiam-se naquilo que identificaram como sendo campos de ação que necessitavam de novas perspetivas que melhorassem a qualidade de vida de todos os cidadãos: infraestruturas, equipamentos, espaço público, reabilitação de património ou habitação.

Em fevereiro de 2019 realizámos uma exposição no ISCTE-IUL onde apresentámos 11 trabalhos selecionados e debatemos, junto de quem nos visitou, as estratégias propostas e o seu potencial impacto na região. O presente catálogo apresenta esses 11 trabalhos que focam equipamentos, indústria e habitação.

Mais uma vez esperamos que estas nossas propostas sejam um motivo de debate e conversa sobre o futuro do território das zonas onde intervimos.

Sara Eloy (coordenação PFA)

## **A arquitetura e os lugares**

A turma discutiu e interpretou os problemas e as políticas enunciadas (beneficiando das propostas apresentadas às eleições autárquicas de 2017) ou implementadas (em instrumentos de planeamento em vigor) no município de Alenquer, conjugando-os com uma leitura das circunstâncias históricas, urbanísticas e paisagísticas concretas do local, de forma a projetarem conjuntos de ações que se acredita poderiam melhorar a atratividade urbana ao longo do eixo Alenquer-Carregado.

Estas ações seriam estratégicas, incidiriam em áreas com problemas e potencialidades, tendo como objetivo transversal a reabilitação paisagística, urbana, social e económica destes lugares. As ações podem tornar possível uma nova conexão entre paisagem e sistema urbano, mediando relações de escala e de ambientes, entre a realidade urbana e paisagística local, atenuando infraestruturas industriais e supralocais e, acentuando qualidades económicas potenciais. Acredita-se que Alenquer será globalmente atrativa quando o seu sistema urbano recuperar a qualidade paisagística e ambiental, será atrativa, quando for verdadeiramente aprazível para habitar.

A turma dividiu-se em grupos que abordaram áreas e problemas específicos, que no conjunto complementam áreas abordadas no ano anterior: a zona industrial do Carregado; o centro urbano do Carregado; o sistema urbano da Vala do Carregado e, a foz dos rios Alenquer e Ota e a frente Tejo.

No conjunto e individualmente, são propostos cenários de transformação, que assumem determinadas qualidades e que se articulam com uma estratégia de intensificação do sistema urbano e da paisagem, defendendo que a arquitetura tem a capacidade de reorganização os espaços edificados, qualificando dos lugares.

Os trabalhos que agora se apresentam são um exemplo, parcial, do trabalho efetuado.

Pedro Pinto (tutor PFA)

## Descobrir a arquitectura da Lezíria a Montejunto

O trabalho de Projecto Final de Arquitectura (PFA) 2017|2018 desenvolveu-se nos concelhos de Vila Franca de Xira, Alenquer e Azambuja. A posição geográfica desta região confere-lhe importância à escala nacional e Internacional. A área de trabalho é caracterizada pela sobreposição do sistema natural e agrícola com a estrutura urbana, patrimonial, viária e ferroviária.

Da Lezíria a Montejunto os estudantes e professores percorreram os caminhos que desenharam a topografia e a sua ocupação ao longo do tempo. A partir da leitura crítica do existente, os estudantes foram desafiados a descobrir o seu caminho na arquitectura. Trabalharam para identificar temas e propostas para um território marcado pelo Rio Tejo, a Lezíria, os vales, os cumes das serras e de Montejunto. A compreensão das sucessivas ocupações do território, ao longo da história, ajudou a entender o que temos hoje: as fracturas e sobreposições, o que se apagou e é importante recuperar, o que se perdeu e já não é possível salvar. Acima de tudo a compreender como informar as propostas com os valores que permanecem no tempo. A partir da leitura das marcas da ocupação construída e humana, dos vestígios fortes e fracos e dos fragmentos, foi possível estabelecer um mapa de ideias e propostas.

Os trabalhos definem um mapa das especificidades da região. Na margem do Tejo, as *Piscinas do Cais da Santinha* propõem a renaturalização do território e a recuperação de uma estrutura de extração de areia desactivada. O *Alojamento Turístico e Centro de Interpretação do Monte dos Castelinhos* estrutura-se em torno de um aqueduto desactivado e das ruínas romanas, proporcionando uma nova leitura da paisagem e das ruínas. A *Horta Pedagógica de Paredes* propõe a reutilização de um vazio urbano no interior de um quarteirão, criando um espaço público de encontro e novos percursos de atravessamento. Em Alenquer, o novo *Teatro Damião de Góis* desenvolve um equipamento público capaz de responder às actuais necessidades culturais da região e abre a margem do rio à encosta. O *Jardim de Infância do Lugar da Cerca* é desenhado com as memórias do antigo Convento e oferece à cidade um novo percurso público de atravessamento. No cabeço de Santa Quitéria dois projectos reutilizam a cratera de uma pedreira desactivada. Uma rede de trilhos articula uma *Unidade de Alojamento* e um *Centro de Interpretação* com as várias estruturas da antiga exploração e a rede de caminhos existentes.

Os projectos dos estudantes centram-se nos desafios da arquitectura contemporânea. As propostas interrogam o território, a sua história, as suas memórias e a sua identidade. Integram o que existe na descoberta de novos caminhos. Ler, interpretar, desmontar o real e projectar descobrindo a ligação entre as coisas. Olhar a partir do existente, com tempo para fazer o seu caminho. Os futuros arquitectos descobriram os seus caminhos, quem são e como desenharam a sua arquitectura.

## Legenda do Aerofotomapa

Intervenção no Cabeço de Santa Quitéria, Unidade de Apoio de alojamento	1
Centro de Interpretação do Cabeço de Santa Quitéria	2
Jardim de Infância no lugar da Cerca de Alenquer	3
Teatro Damião de Góis	4
Horta Pedagógica de Paredes	5
Urbanização da Barrada	6
Alojamento Turístico e Centro de Interpretação das Ruínas Romanas no Monte dos Castelinhos	7
O Contexto do Lugar: Habitação na Vala do Carregado	8
A Indústria como Espaço Cultural: Sociedade de Vinhos Victor Matos II, S.A.	9
Construir o Vazio: Centro Desportivo Náutico	10
Piscinas do Cais da Santinha   Uma paisagem perdida	11

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11



## Horta Pedagógica em Paredes

As fronteiras entre o espaço urbano e rural, como tipicamente são imaginadas, estão a desaparecer. Contudo as técnicas e costumes da agricultura pré-industrial perduram.

Esta situação é evidente em Alenquer, no bairro de Paredes. Aqui, a agricultura surge em terrenos residuais, fruto da conjugação de um assentamento espontâneo original e as mais recentes obras de urbanização.

O projeto insere-se num destes terrenos, localizado entre a Rua Principal, um importante eixo viário em Paredes, e o Aqueduto de Alviela, eixo onde se propõe introduzir um percurso pedonal que ligue a Vila de Alenquer e o Rio Tejo.

A intervenção propõe a abertura deste terreno para o tecido urbano criando um espaço de hortas abertas à comunidade. A proposta de um espaço exterior de convívio vem preencher uma lacuna no bairro e valorizar a prática da agricultura urbana, trazendo benefícios ambientais, económicos e sociais.

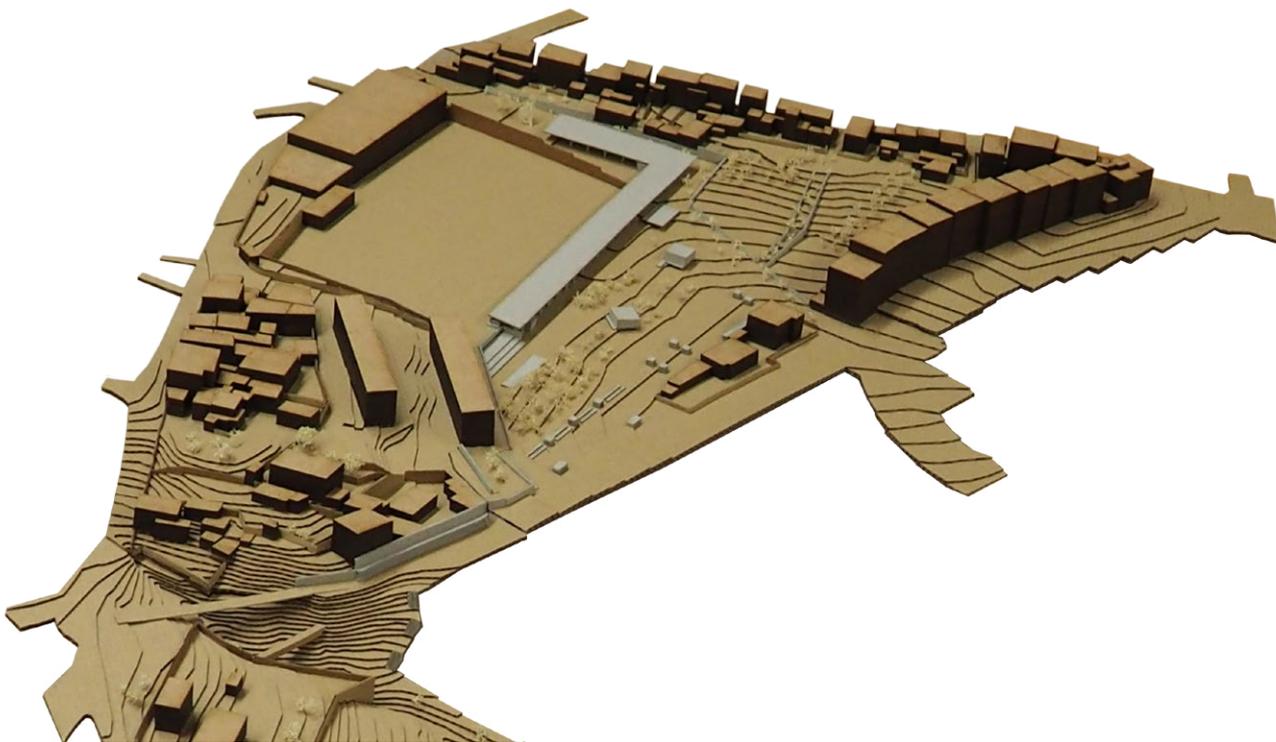
Propõe-se a introdução de uma Horta Pedagógica associada a um espaço de Mercado.

O projeto explora programas versáteis que se ajustam às necessidades do bairro.

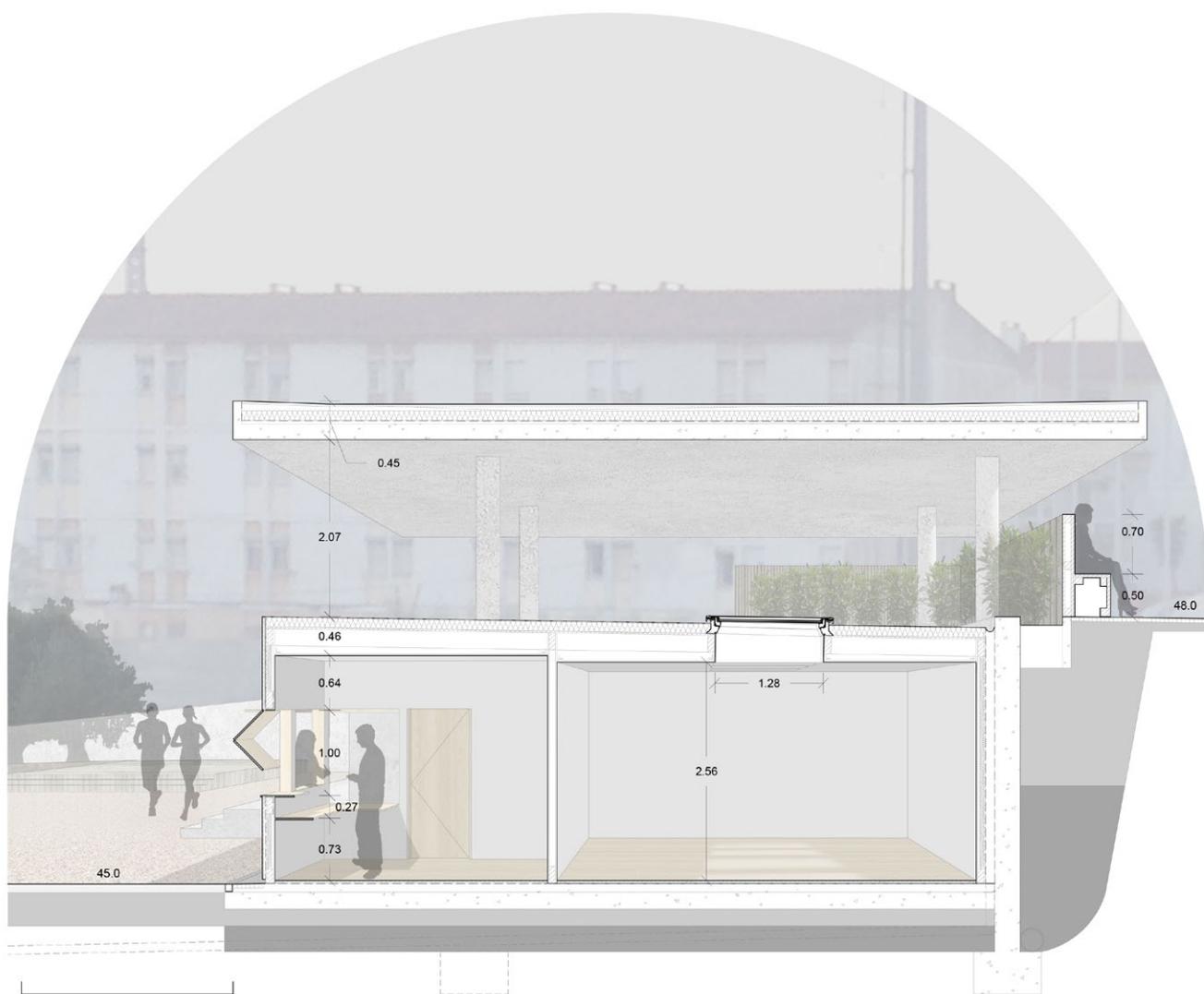
Uma cobertura em betão sustentável protege do meio ambiente criando uma relação de proximidade.

Por outro lado, os pavilhões de madeira que se encontram fora da cobertura, de construção Leve, estabelecem uma relação direta com a Natureza.

A intervenção convida a comunidade a descobrir o potencial dos terrenos residuais e da agricultura urbana de Paredes.



Maqueta



Corte na área da receção

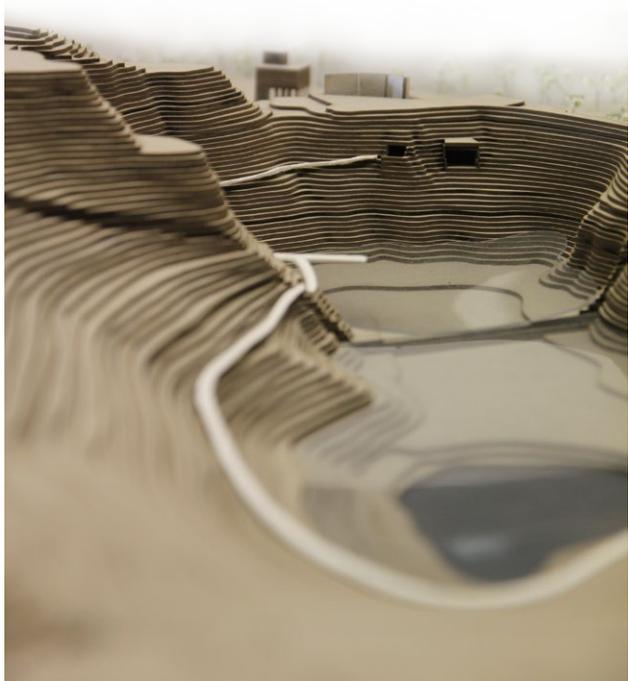
## Centro de Interpretação do Cabeço de Santa Quitéria

A norte de Meca ergue-se o Cabeço de Santa Quitéria, uma das chaminés pertencentes ao Complexo Vulcânico de Lisboa. Explorada como pedreira de basalto durante anos, encontra-se desativada. A importância patrimonial e geológica do Cabeço reflete-se nas ligações pedonais existentes. Dois percursos pedestres articulam diversos pontos de interesse local.

A abordagem desenvolvida em grupo estudou a relação entre a memória do espaço e a importância de preservar o contexto paisagístico e industrial. A partir de duas rotas existentes, que cruzam o Cabeço (a Rota de Santa Quitéria e a Rota dos Vulcões), afirmam-se as potencialidades paisagísticas e naturais do lugar.

O projeto propõe a reflorestação e requalificação dos trilhos e um novo percurso no interior da cratera. Em complemento, dois novos programas são propostos: o Edifício de apoio ao Alojamento e Centro de Interpretação. O Centro de Interpretação define um percurso pontuado por edifícios existentes reabilitados e um novo edifício de apoio e interpretação do Cabeço.

Este percurso desenvolve-se num dos principais pontos de assentamento das estruturas industriais desactivadas. O Centro de Interpretação é composto por um espaço de apoio aos trilhos anteriormente referidos, um espaço de receção, um espaço informativo e três observatórios. Funciona ainda como porta de entrada para um novo trilho que se desenvolve no interior da cratera aberta durante a extração de pedra.



Maqueta



Planta da proposta geral



Planta



Corte da proposta

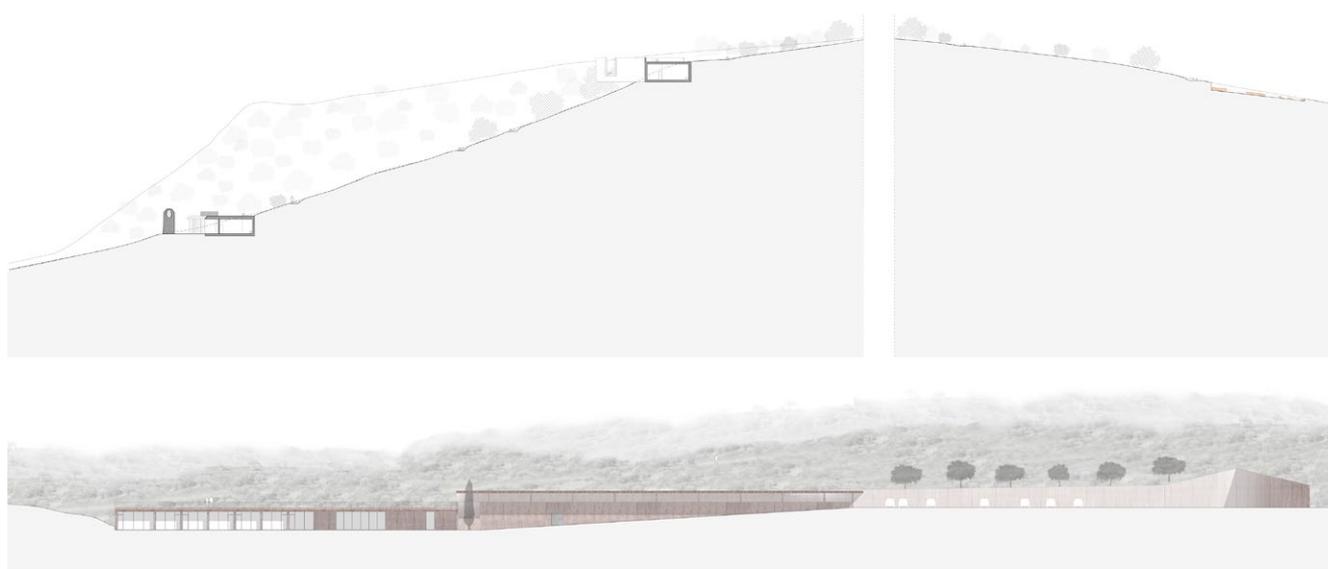
## Alojamento Turístico e Centro de Interpretação das Ruínas Romanas no Monte dos Castelinhos

O Monte dos Castelinhos, perto do Carregado, assinala a presença de um conjunto de vestígios Arqueológicos. Remontam ao período calcolítico, idade do ferro e da ocupação romana e medieval. A estrada romana que passava pela atual EN1 e atravessava a Ponte da Couraça conduz ao Monte dos Castelinhos. Dois aquedutos atravessam esta área: do Alviela e do Tejo.

A paisagem envolvente é dominada pela produção agrícola e produção de vinho. A meio da encosta ergue-se um troço desativado do aqueduto do Alviela.

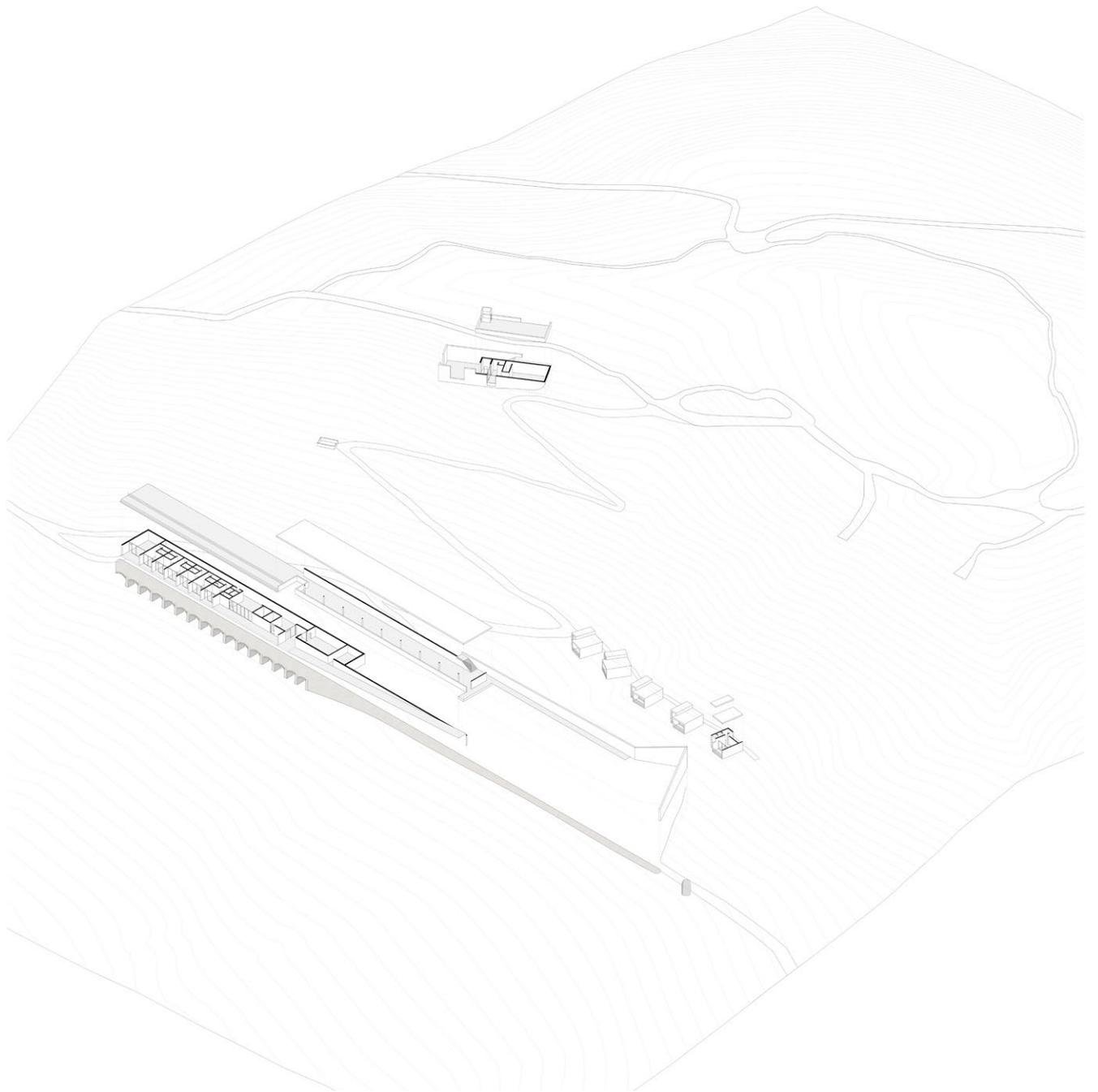
O percurso definido na estratégia de grupo tem um caráter recreativo. O percurso segue a linha do Aqueduto de Alviela e o Rio Grande da Pipa. Com o objetivo de revitalizar a aldeia das Quintas, próxima do Monte dos Castelinhos, a cultura do vinho e as ruínas romanas existentes propõe-se um novo percurso. Este segue pela linha do aqueduto de Alviela até encontrar o seu troço desactivado. Adjacente a esta ruína de aqueduto implanta-se o edifício principal proposto.

No seu interior organizam-se quartos para alojamento e uma sala de prova de vinhos. Na continuidade do novo percurso, subindo o monte encontram-se as unidades de quartos independentes. No topo da colina chegamos ao Centro Interpretativo das Ruínas. A partir de aqui é possível ler o território e chegar às ruínas Romanas, localizadas na encosta a norte do monte.



Corte do Monte dos Castelinhos

Alçado Sul do edifício principal

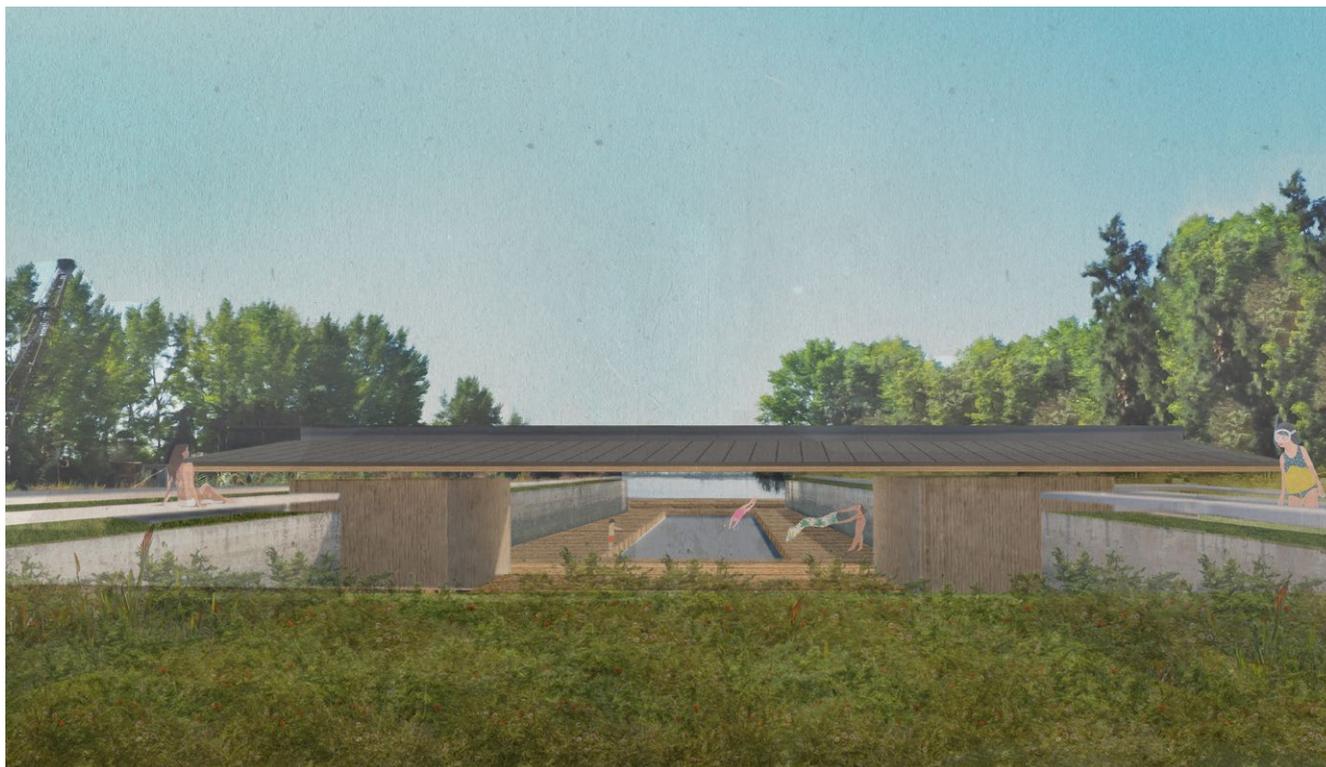


## Piscinas do Cais da Santinha | Uma paisagem perdida

O Cais da Santinha foi utilizado como estrutura portuária de apoio à extração de inertes entre 2002 e 2011. Situado no concelho de Azambuja, funcionou como apoio para as embarcações que faziam o transporte para o Porto de Lisboa. A conjugação do programa com as condicionantes deste lugar evidenciou a potencialidade para o desenvolvimento de piscinas fluviais de maré. A utilização das marés naturais para o enchimento, esvaziamento e reabastecimento da piscina funcionam através de uma plataforma variável e um sistema de eclusas que limitam e controlam o fluxo da água no interior da doca.

Sem comprometer a identidade do território, o projeto insere-se no interior da doca seca, pretendendo ocupar o interior do imenso vazio, com ligações exteriores. Um percurso desde o ponto de distribuição, faz percorrer exteriormente o projeto, que apresenta uma perceção total da intervenção.

A doca prevê um desenvolvimento longitudinal que é intersetado por uma superfície transversal. Este espaço proporciona a ligação entre os dois patamares, constituídos por dois percursos principais, exteriores à doca, em rampa e em escada, que definem, não só o espaço superior, como o espaço inferior. As entradas em rampas escavadas vão-se alargando para definir um desafogo espacial permitindo dar dimensão às entradas estreitas da doca. Estes espaços de passagem, realizados através da interseção dos blocos de programa com os muros da doca, marcam claramente a diferença entre o deambular e a permanência, entre o átrio de chegada e a abertura visual sobre as piscinas.



Fotomontagem das piscinas

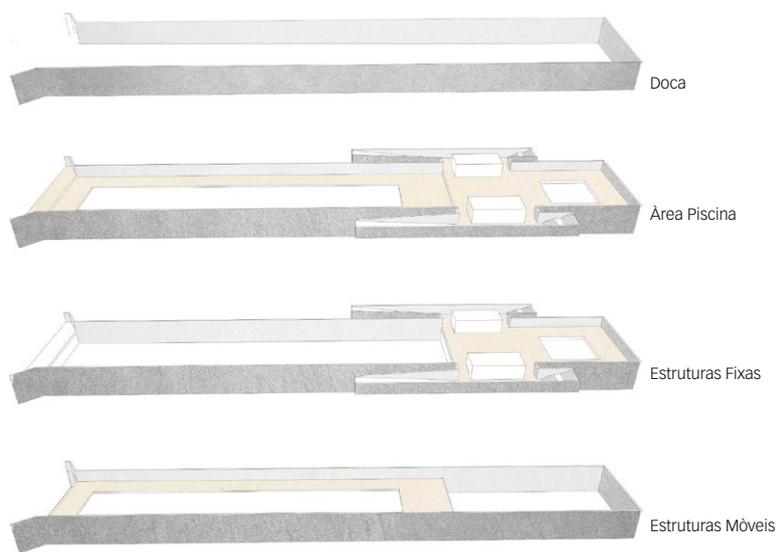
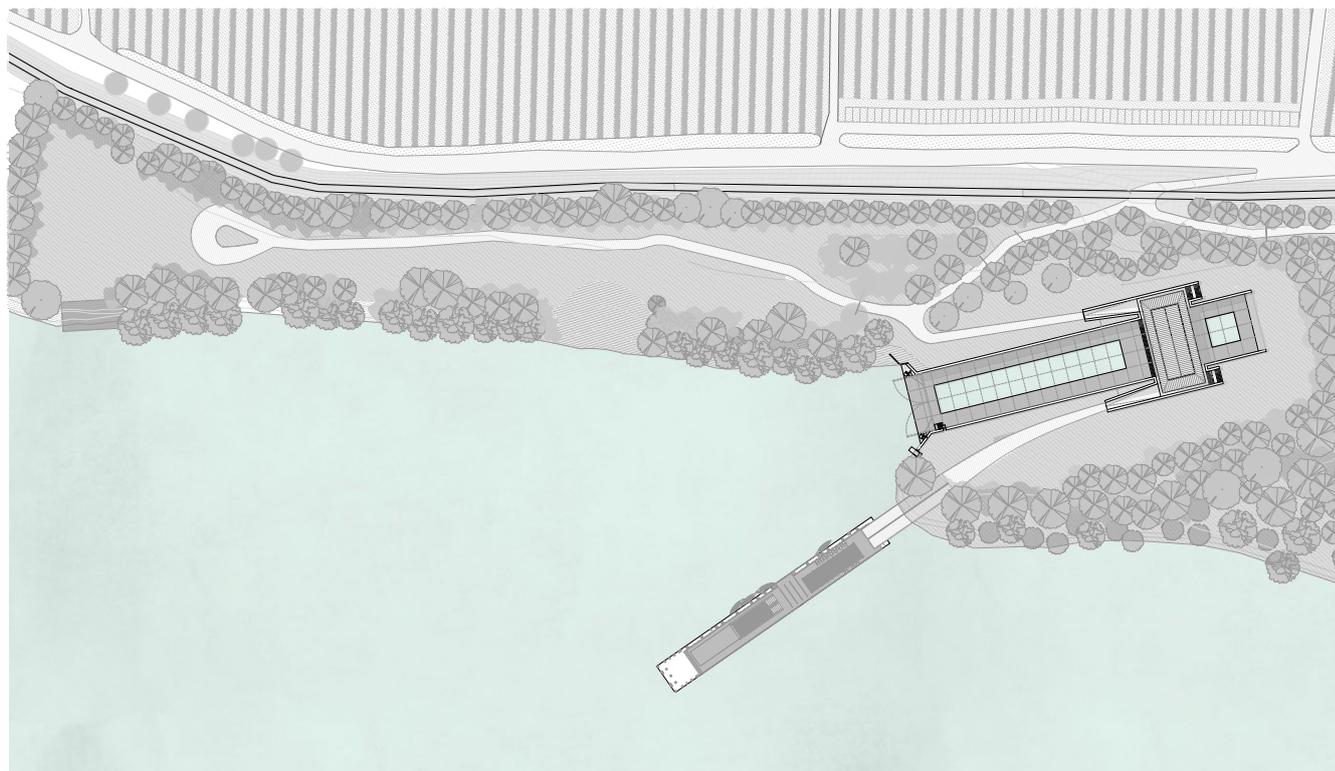


Diagrama explicativo das infraestruturas fixas e móveis



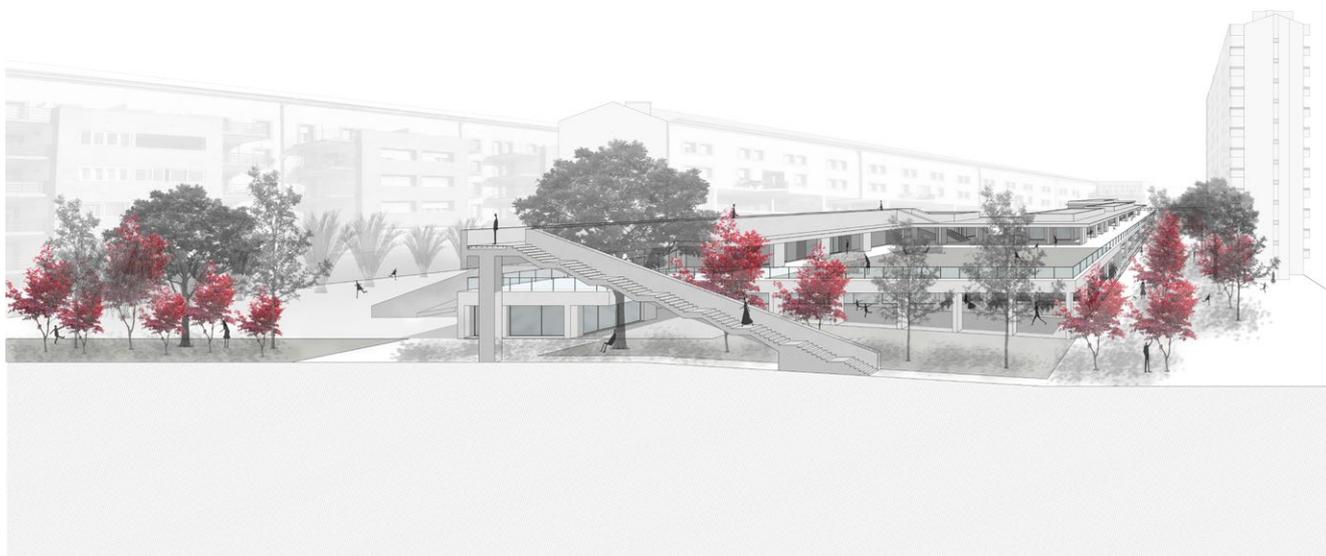
Planta de cobertura

## Urbanização da Barrada

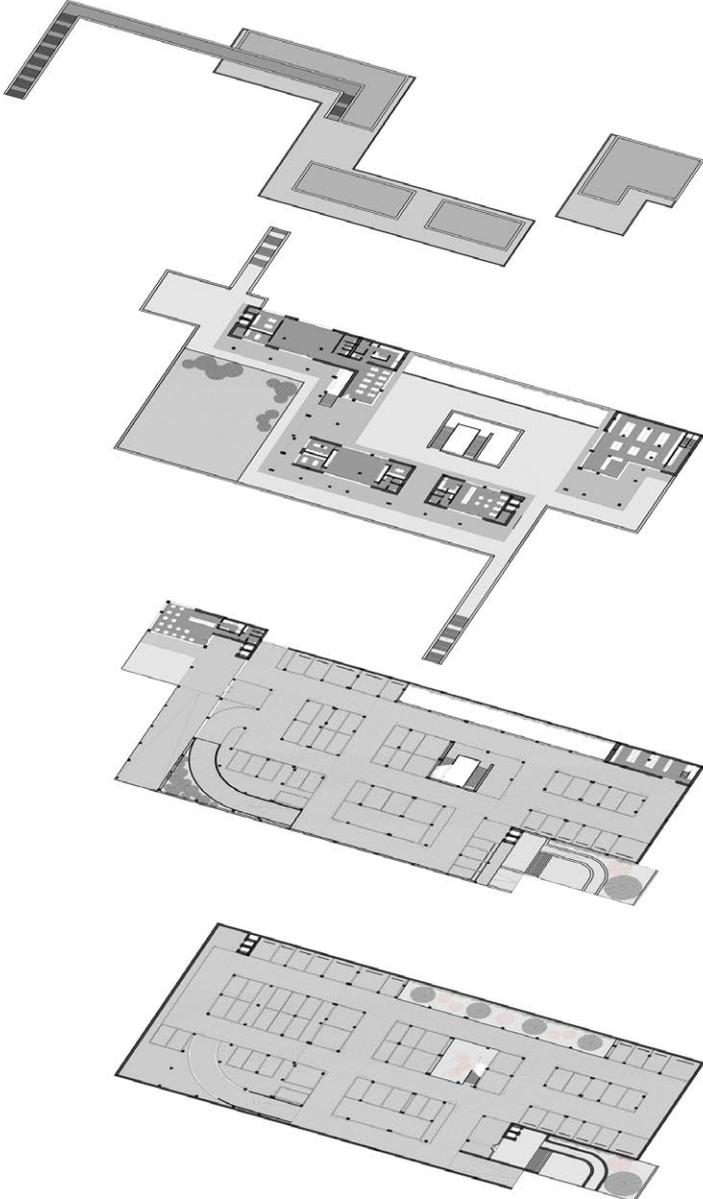
A Urbanização da Barrada projetada no final de 1970, localiza-se na freguesia do Carregado. Caracteriza-se pela presença de grandes blocos habitacionais. A área é delimitada por campos agrícolas e pela estrada nacional. A presença excessiva do automóvel nas praças existentes, causa vários constrangimentos na circulação pedonal, assim como a ausência de espaços públicos de lazer para a população. Desse modo, propõe-se dar continuidade ao projeto iniciado em 2016 no centro da Barrada, expandindo-se pelo restante território, através de eixos arbóreos de *Acer Palmatum*.

A proposta pretende reestruturar a préexistência, o Centro Comercial Palmeiras, as praças de estacionamento anexas e o terreno livre adjacente ao edifício comercial. Assim, parte do estacionamento é retirado e o acesso automóvel condicionado, proporcionando maior importância aos novos jardins e espaços públicos criados. O projeto utiliza apenas a estrutura da préexistência, sendo anexada uma nova construção, permitindo aumentar as possibilidades de novos usos. O edifício é composto por três pisos que se interligam por escadas, elevadores e uma rampa exclusiva ao uso automóvel. Os dois primeiros níveis são constituídos por estacionamento e cafetaria, sendo as suas entradas realizadas a partir do jardim e da praça anexos.

No terceiro nível desenvolvem-se os espaços de atividades sociais, diretamente relacionados com a população jovem e idosa residente no bairro, assim como, área de refeições. Ainda, existe uma loja e uma cafetaria. Todos estes espaços estão conectados entre si, por elementos de sombreamento e uma área central.



Prespetiva



Diagrama

## Teatro Damião de Góis

Alenquer foi na antiguidade um local importante na defesa do território nacional, graças ao seu posicionamento entre Lisboa e Santarém e à sua proximidade com o rio Tejo. No século XX, a vila destacou-se como centro industrial a nível nacional tirando partido da exploração do seu rio.

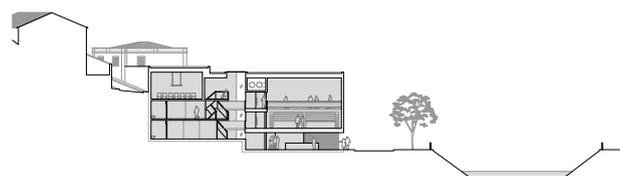
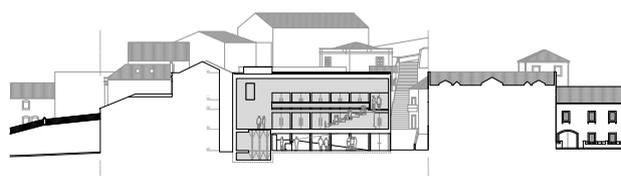
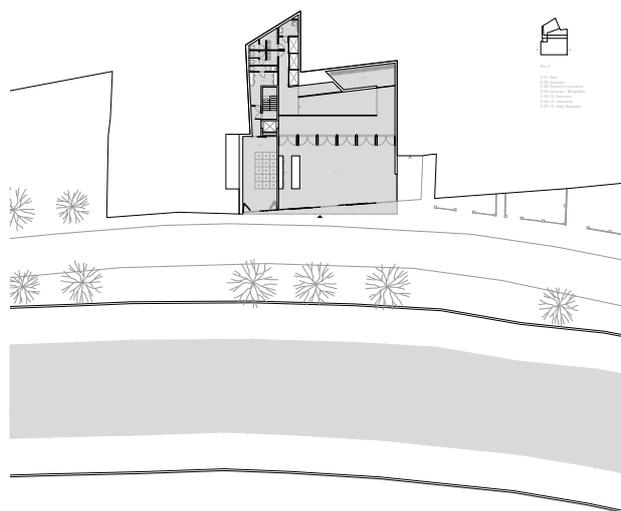
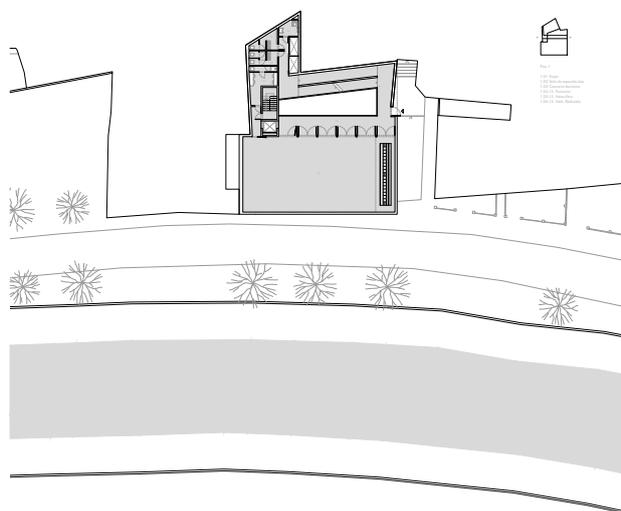
Atualmente, permanece somente a memória deste período: a decadência do rio de Alenquer e o desenvolvimento das zonas periféricas provocaram a saída da população da vila, vetando-a ao abandono.

Daqui resultou a pertinência de operar num equipamento público que impulsionasse o centro da vila, desígnio que não se vê cumprido pela sala de espetáculos existente. Ocupando o lugar do auditório existente na vila, a implantação do Teatro Damião de Góis procura rememorar a antiga configuração da avenida principal, onde se realizava a feira local, alterada aquando obras no rio e estende-se ao lugar de uma habitação posta à venda nas suas traseiras. Desta forma, o edifício estabelece um percurso interior protagonizado por uma clarabóia que comunica com as várias entradas do edifício, interligando três cotas distintas. À cota mais baixa, um grande átrio virado para a avenida e para o rio de Alenquer, espaço este que pode funcionar independente do resto do edifício; sobre o átrio. Um piso acima, uma sala de espetáculos polivalente capaz de receber todo o tipo de eventos. Na cota mais alta, um átrio secundário virado para a calçada, pode igualmente ser transformado num espaço polivalente.

Num único núcleo são concentrados os espaços de apoio ao espetáculo e os respetivos acessos - uma escada privada para uso dos artistas e um elevador que é partilhado entre estes e o público.



Maqueta



Planta piso 1, Planta piso 0, Corte longitudinal

Corte transversal

## Construir o Vazio: Centro Desportivo Náutico

Mais do que um objeto singular, o projeto deve dominar e contribuir para o contexto em que se insere, como processo de regeneração do Lugar. Tem como objetivo uma hipótese de futuro: o espaço que altera, o que vai adicionar e subtrair.

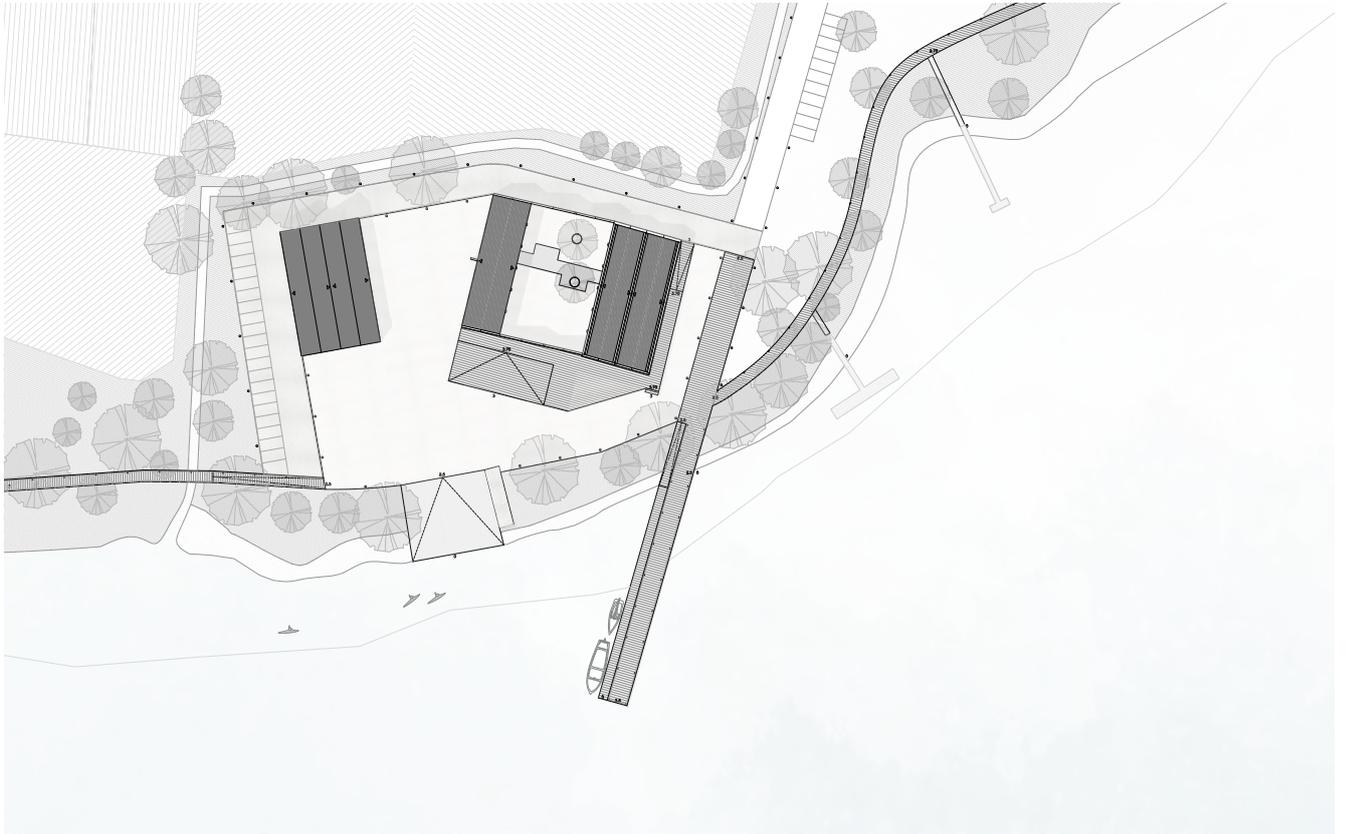
No limite final da Estrada da Vala, ponto de conexão com o Rio Tejo, é proposta a reabilitação dos edifícios devolutos para um programa de atividades náuticas. Promove-se uma nova conexão com o rio, o rio como meio de lazer apropriado pelos habitantes. A renovação da envolvente começa pela definição dos limites do território a intervencionar e do desenho entre o construído (cheio) e o espaço público (vazio). O desenho de um novo pontão encerra o território e define uma centralidade protagonizada pela presença dos antigos armazéns. Surge ainda um novo conjunto edificado de menor escala. Esta estrutura ocupa o vazio sobrance e desenha o espaço central.

No primeiro volume do edifício principal, mantém-se o espaço original, com a sua escala própria. Na abordagem a este interior valoriza-se a integridade do vazio contido. No segundo volume assume-se um interior exterior. A opção de manter o vazio resume uma vontade de intercalar os cheios com os vazios. No terceiro volume é projetado um interior dentro do interior, como se a preexistência e a nova existência formassem entre si um entre espaço que não é exterior, mas também não chega a ser interior. É a apropriação do espaço interior introduzindo a escala humana através de volumes que o atravessam.

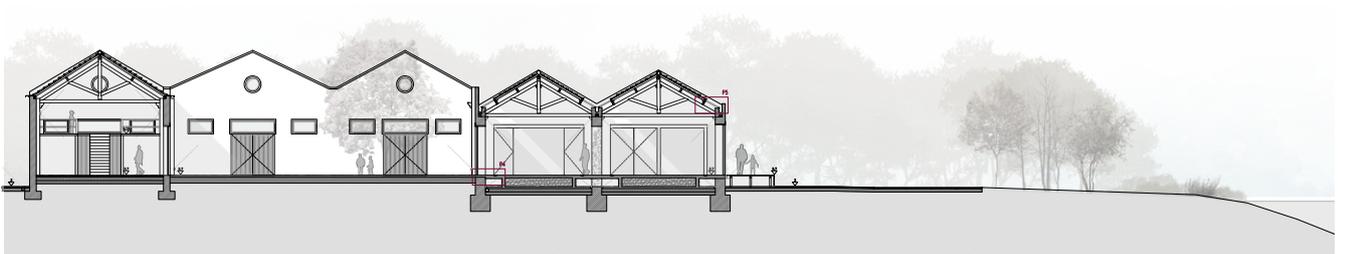
Três ocupações do cheio, três escalas, três níveis de intimidade.



Prespectiva exterior



Implantação



Corte transversal

## Intervenção no Cabeço de Santa Quitéria, Unidade de Apoio de Alojamento

A abordagem ao sítio foi fortemente influenciada pela proximidade visual entre o Cabeço e outros pontos de importância paisagística. Do mesmo modo assinala-se a presença de estruturas desmanteladas que remetem a memória de um espaço natural convertido em consequência de uma necessidade Humana e pela capacidade que a natureza possui em reafirmar a sua força perante ambientes humanizados.

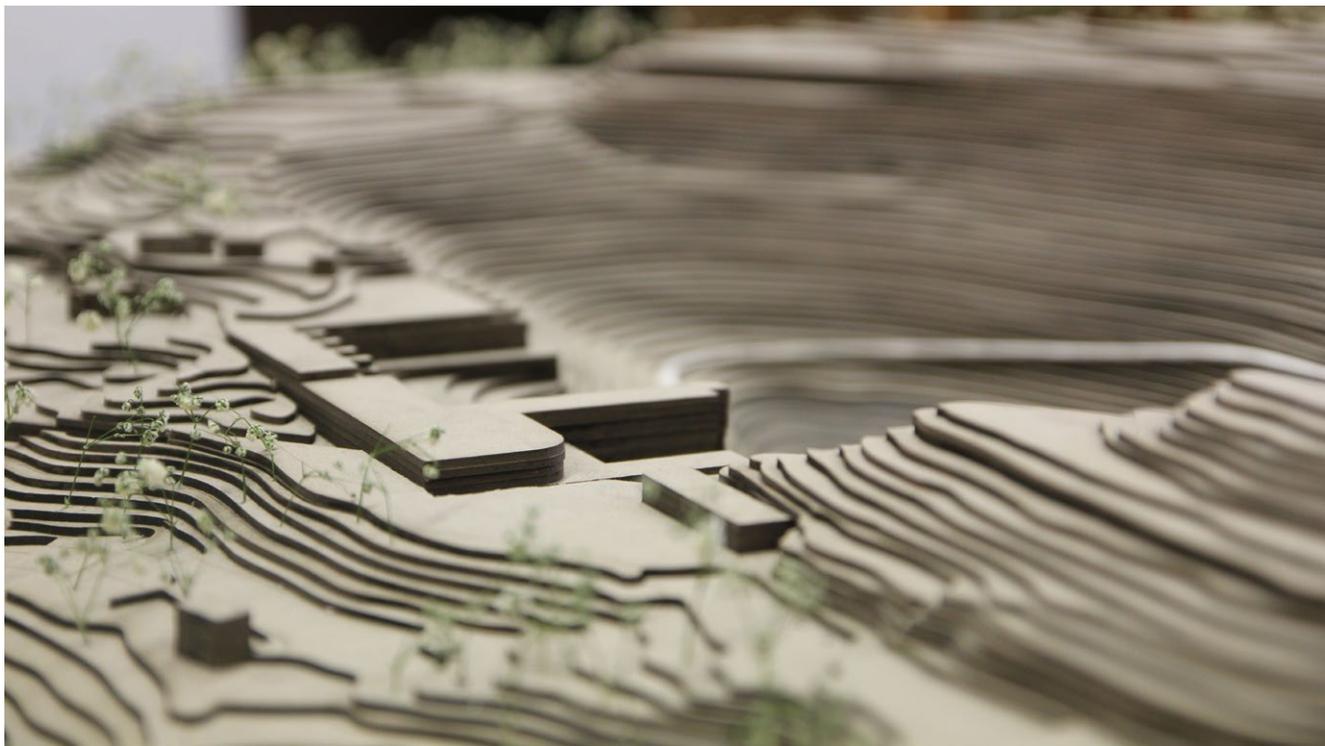
A partir do desenho do alçado Norte, o edifício de apoio ao alojamento e a atividades de lazer relaciona-se com a escala das estruturas referentes à primeira fase de exploração.

O edifício organiza-se em quatro níveis, sendo que o primeiro, relativo ao piso de entrada, é composto por um conjunto de espaços que se relacionam com o volume dos quartos, numa organização espacial segundo o eixo Nascente-Poente. Este último implanta-se a Nascente e afirma-se semienterrado de forma a evidenciar as grandes aberturas que permitem estabelecer relação intensas com o interior da cratera.

O segundo e o terceiro nível caracterizam-se pela dualidade entre um conjunto de espaços públicos interiores e exteriores, que começam a surgir devido à desconstrução volumétrica.

O último nível, próximo da água, irá permitir o contato constante com este elemento e, consequentemente, uma abertura ao interior da cratera, antes impossível. Para complementar esta experiência, existe um conjunto de espaços associados às atividades de lazer, como a prática de canoagem.

Há que referir que neste nível, e devido à desconstrução volumétrica, a vivência relativa à exploração do edifício é garantida, verticalmente, pela diferença altimétrica, que por sua vez afirma o sentido de objeto enterrado. Todos estes espaços referidos não estão somente destinados ao público que frequenta o espaço devido ao alojamento, mas também ao público em geral.



Maqueta



Planta



Corte transversal

## Jardim de infância no lugar da Cerca de Alenquer

A intervenção decorre da necessidade de ordenar a situação caótica actual presente no lugar da Cerca, na vila de Alenquer. Procura repor-se a continuidade do antigo recinto conventual, levando a cabo a coexistência de um jardim de infância, com um atravessamento público dentro da Cerca, consolidando a sua abertura à vila. Nesse sentido o novo edifício do infantário sugere um percurso ao longo do respectivo espaço exterior, estabelecendo relações e apontamentos visuais com as préexistências, devolvendo a presença inicial destas.

A organização do volume construído faz-se segundo dois corpos, um deles disposto numa espécie de "L" torcido e outro autónomo, de geometria rectangular. As entradas situam-se nos topos do edifício, sendo que a principal é feita pela cota da variante, e a outra, de cariz mais secundário, é acedida por um pátio escavado, decorrente da entrada semipública que dá acesso ao recinto do jardim-de-infância.

A parte central do edifício contem os espaços de uso colectivo (refeitório e sala polivalente) que por sua vez "alimentam" a parte longitudinal do mesmo corpo - onde se situam seis salas e os respectivos seis pátios - e do corpo autónomo - que possui três salas correspondente ao berçário.

A implantação do edifício organiza o recinto exterior em duas grandes clareiras, localizadas a cotas distintas, unidas por um percurso. A mais alta, localiza-se junto da ermida, servindo o espaço do berçário e duas salas do corpo horizontal, enquanto que a mais baixa, situada em frente à entrada principal, é vocacionada para as restantes quatro salas do mesmo corpo.



Simulação do interior



Implantação

## O Contexto do Lugar: Habitação na Vala do Carregado

O projeto aqui ilustrado procura conceber a reestruturação do contexto de um lugar.

Neste, a passagem do tempo deixou diversas marcas causadas por circunstâncias a escalas distintas e mal-enquadradas. Consequentemente, recorreu-se à Arquitetura procurando uma contextualização mais harmoniosa.

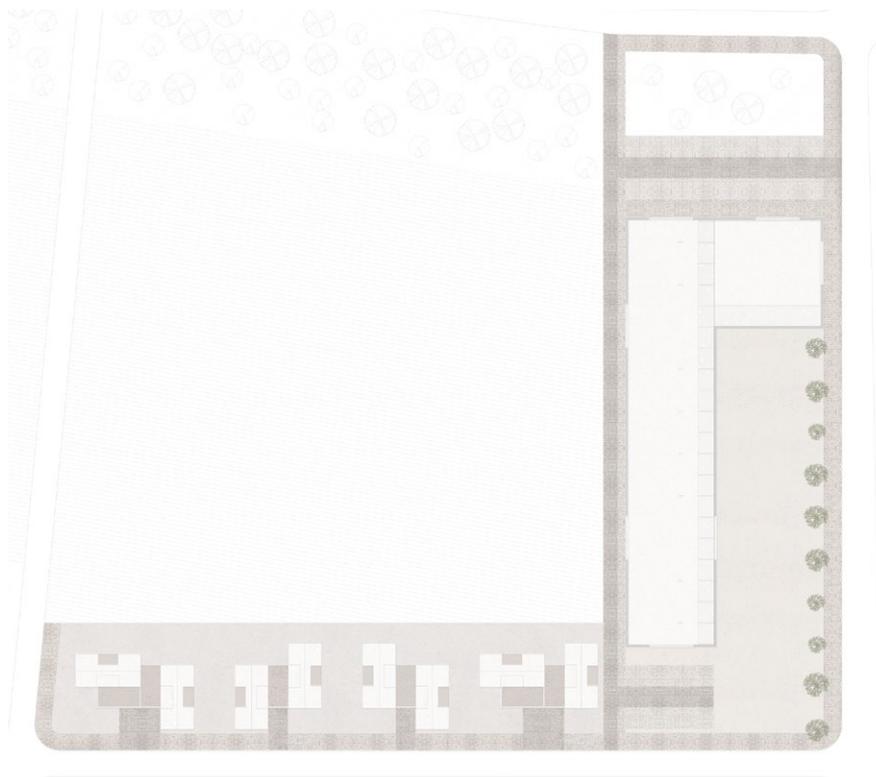
Este lugar consiste numa vasta área agrícola que se estende ao longo das lezírias do Tejo, sendo também um local com desenvolvimento urbano e industrial onde foram implantadas Infra-estruturas como a linha férrea, fábricas, plataformas logísticas, pólos empresariais e auto-estradas.

Face a esta problemática da paisagem e também a escassez de espaços residenciais para os trabalhadores, a proposta de arquitetura corresponde a um conjunto habitacional erigido ao longo da Vala do Carregado.

O projeto é circundado pelo edificado preexistente, a Central Termoeletrica, os campos agrícolas e a nova estação ferroviária. Deste modo, a proposta tem como base o princípio de harmonizar as relações entre estas escalas existentes pacificando o convívio entre as mesmas, procurando em última instância reestruturar as diferenças entre o urbano, rural e industrial.

Assim, o projeto consiste num agrupamento de volumes cujas diferentes escalas pontuam o eixo da Vala de modo ilustrar o princípio apresentado. Iniciando junto à estação, os volumes construídos avançam ao longo da vala, diminuindo a escala e criando uma relação mais suave entre a preexistência e a grande infra-estrutura.

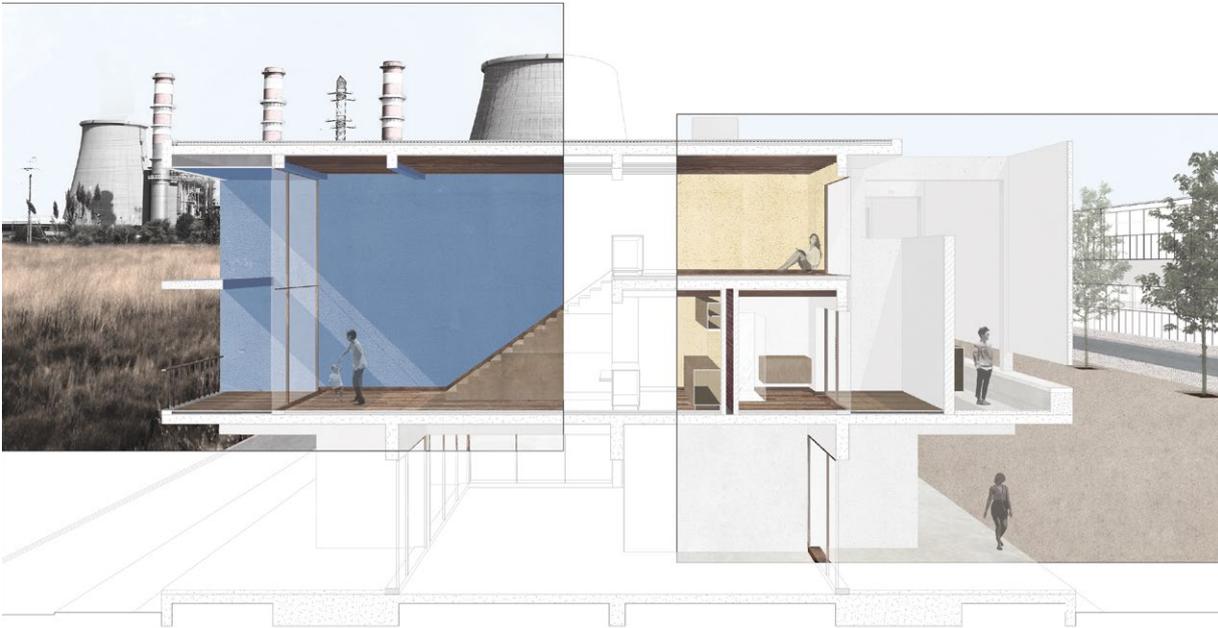
O projeto entende a Arquitetura como forma de qualificar o contexto a partir das preexistências. Em última instância, o desenho arquitetónico reconstrói e reconfigura o espaço, alterando a sua forma e transformando a sua essência.



Implantação



Alçado - T2



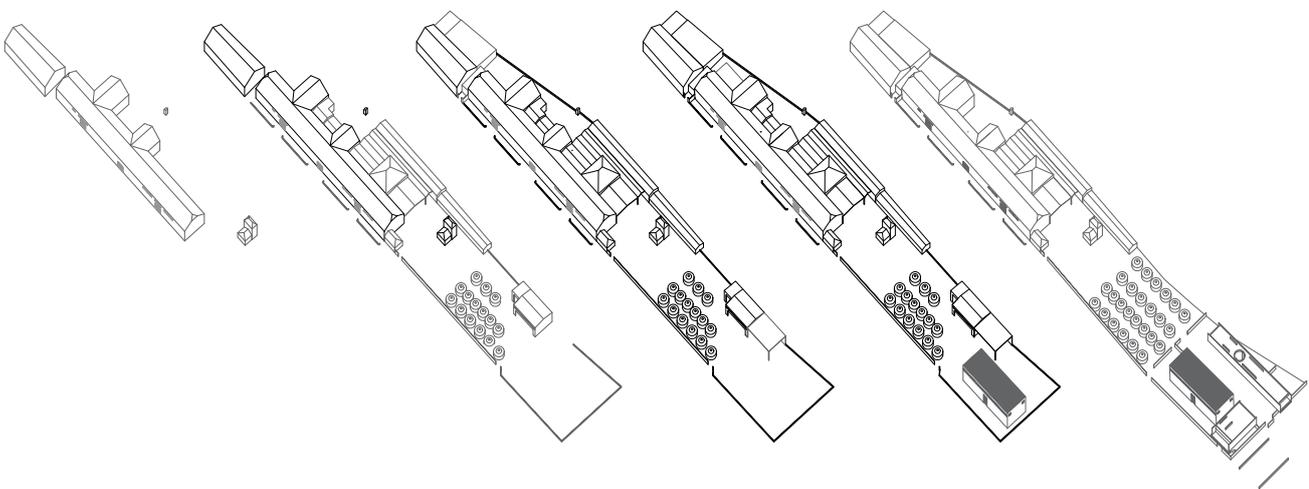
Corte - T1

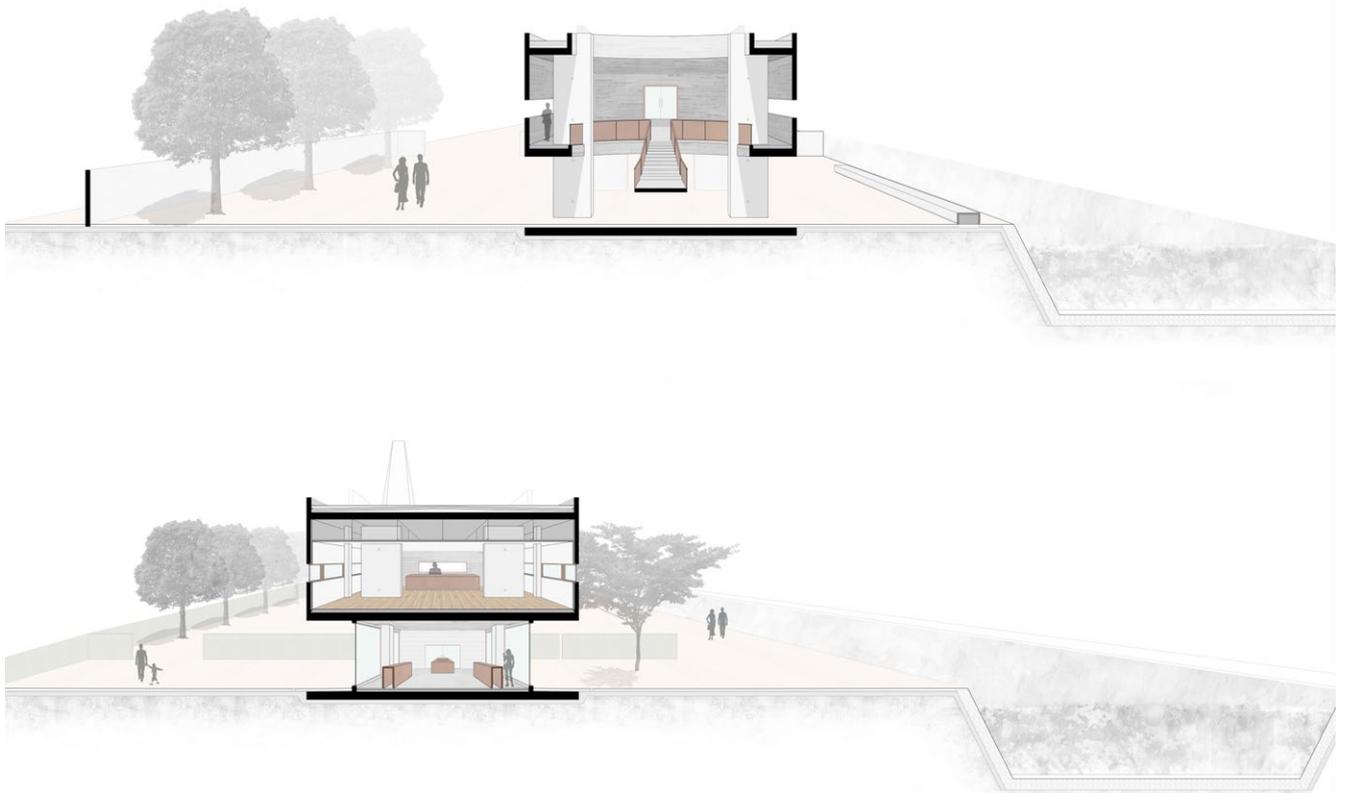
## A Indústria como Espaço Cultural: Sociedade de Vinhos Victor Matos II, S.A.

O projeto tem como objetivo intervir numa zona industrial isolada, com interesse arquitetónico e cultural que idealiza contar a história do vinho, desde a sua produção em vinha, ao engarrafamento, mediante a criação de um percurso pelas instalações, que acompanhe o circuito produtivo interno. Para tal, é criada uma entrada pública, num terreno a nascente, sobre o Tejo, onde seriam plantadas, simbolicamente, vinhas. As instalações seriam remodeladas no limite nascente, articulando uma sucessão de muros que confinam espaços e articulam programas. São erigidos dois novos edifícios: um de caráter privado, com serviços necessários e outro público, com um programa turístico. No conjunto, definem uma entrada e enquadram o edificado existente.

Ultrapassada a nova entrada nascente, surge um terreiro por entre os balões exteriores de armazenamento de vinho. Estes definem uma estranha hierarquia de espaços e corredores, onde cada corredor corresponde a uma função: acesso ao armazém grande, o abastecimento dos balões, a circulação dos funcionários e a circulação do público. Este grande espaço distribui para dois pequenos recintos, um mais público e polivalente e outro privado, de serviço, articulando a circulação dos veículos pesados.

O edifício principal com as instalações para o engarrafamento do vinho, marca o final do percurso que acompanha as várias fases da entrada e engarrafamento. Quanto aos espaços interiores, há a notar a deslocação do acervo de máquinas para um dos novos edifícios a nascente, criando assim um espaço expositivo condigno com as antigas máquinas de produção de vinho que o Sr. Victor Matos coleciona.





Cortes

<b>Estudante</b>	<b>Tutor</b>
Alaa Al Hariri	Pedro Pinto
Ana Margarida Caldeirinha Mélice Dias	Pedro Mendes
Ana Sofia Pereira Mendes Simões	Pedro Pinto
Bruno Alexandre Moniz Furtado	Pedro Pinto
Cátia Vanessa Relvas Guerra	Pedro Pinto
Cláudia Cristina Santos Pestana Correia	Pedro Mendes
David João Nunes Dias	Pedro Pinto
Diana Lourenço Lopes	Pedro Mendes
Dinis Manuel Botelho Simão	Pedro Pinto
Elodie Gomes Marques	Pedro Botelho
Eunice Daniela Vieira Ruivo	Pedro Mendes
Felisberto Lopes Veiga Cortes	Pedro Mendes
Flávio André da Garcia Serpa	Pedro Botelho
Gonçalo Raingearde de La Blétière Ferreira Lopes	Bruno Suner
Inês Margarida Simões Cordeiro	Pedro Botelho
Inês Rocha de Sousa	Pedro Botelho
Joana Gamito Martins	Pedro Botelho
Joana Isabel Neves Gomes	Pedro Botelho
Joana Rita da Silva Contente	Pedro Pinto
João Tiago Neto Tereso	Pedro Mendes
Margarida Fezas Vital Macieira Condeixa	Pedro Pinto
Mariana Alves Prata Brito	Pedro Botelho
Matilde de Sousa Loreto Aresta Branco	Pedro Pinto
Micael Alexandre Alves Ferreira	Pedro Mendes
Nuno Jorge Correia Matos Melo Simas	Pedro Mendes
Paulo Ricardo Ramos Ferreira	Pedro Botelho
Pedro Manuel Canelhas Fonseca	Pedro Pinto
Pedro Miguel Figueira Geraldés	Pedro Botelho
Rafael Serra Martins	Pedro Pinto
Ricardo Bruno Eurico de Faria	Pedro Botelho
Ricardo Miguel Santos Ribeiro	Pedro Botelho
Rita Pereira Cosme	Pedro Pinto
Rita Xandra Borges Morais Mansinho	Pedro Pinto
Samuel Diogo Remuga Vitorino	Pedro Botelho
Sandra Patrícia Viveiros Furtado	Pedro Pinto
Sarah Louísa Gonçalves Andrade	Pedro Pinto
Teresa Maria Carrilho Mateus	Pedro Botelho
Tiago da Silva Teixeira	Pedro Mendes
Vítor Emanuel Freitas Jardim	Pedro Pinto